EMERSON CÉSAR

REVOLUCIONÁRIOS

PARTE 2



BRAVOS TRAIDORES DA REVOLUÇÃO



EMERSON CÉSAR

REVOLUCIONÁRIOS

Parte 2

Bravos Traidores da Revolução



Copyright © 2018 by Emerson César.

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

www.dragaourbano.com.br

Projeto Gráfico e Diagramação

Júnior Oliveira, Emerson César e Amanda Barros Velloso

Composição de Capa

Júnior Oliveira e Emerson César

Revisão

Karen Olimme

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo Nº 54, de 1995)

Os personagens e as situações desta obra pertencem ao campo da ficção, não se referindo a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C421r

César, Emerson, 1986-

Revolucionários 2: bravos traidores da revolução / Emerson César

- 1ª ed. - Diamantina, MG: Dragão Urbano, 2018.

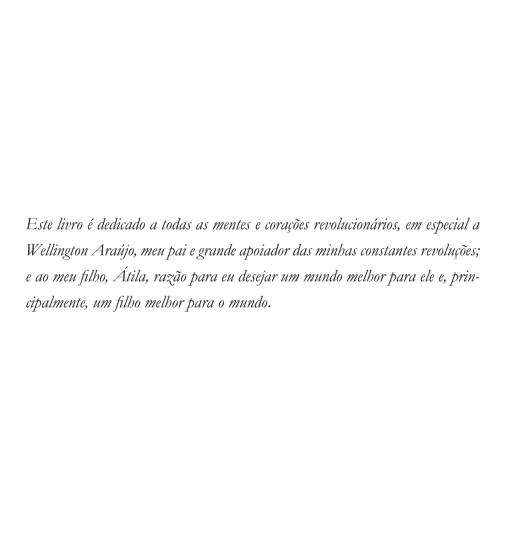
ISBN 978-85-915849-1-8

1. Ficção Brasileira I. Título.

CDD: B869.3

CDU: 821.134.(81)-3

Mais cedo ou mais tarde, tudo se transforma em seu contrário. Carl Jung



Gostaria de agradecer enormemente a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, em especial ao apoio do meu tio Dilton Araújo, aos amigos Júnior Oliveira, pelo excelente trabalho gráfico e por todas as horas empenhadas nesse projeto, aos amigos Gilmar Costa, Carlos Rabello, ao meu irmão Everton Araújo e ao meu pai, Wellington Araújo, pelas importantes contribuições durante a revisão textual. Gostaria de agradecer também aos amigos e amigas que gentilmente emprestaram seus rostos para nossa imaginação: Mário Fernandes, Carlos Rabello, Patrícia Baracho, Pâmela Aguilar, André Ricardo, Bruno Vargas, Junynho Lopes, Pedro Vargas, Charles Stevenson, Diego Figueiredo, Marconi Viana, Julie Pádua, Júnior Oliveira, Wellington Araújo, Pedro Figueiredo, Idelbranio Fonseca, Guilherme Scarpelini e meu primo Willian Wendling. Do fundo do coração, muito obrigado a todos vocês!

SUMÁRIO

Prólogo	09
Le Baron	10
Tic-Tac-Tic-Tac	19
Lute e Verá!	32
Dias de Sangue	46
Desobediência	55
Viva os Noivos!	62
Réquiem	74
Trombetas da Guerra	92
O Despertar	101
Inimigos	114
Morte Lenta	127
15 de Novembro	135
O Dia Depois do Feriado	179
Do Alto da Ribanceira	188

PRÓLOGO

O Congresso Federal não está em chamas, ele já queimou. Desde então, centenas de políticos corruptos, empresários e personalidades ligados a esquemas de corrupção e a crimes contra o povo estão sendo sistematicamente caçados e assassinados pelos revolucionários sob o comando de Heitor, da revolucionária Joana e do Conselho de Líderes do Movimento. Muito sangue já foi derramado desde o início da Revolução Violenta, naquele sete de setembro de 2023, e o clamor por paz agora ecoa entre amigos e inimigos.

Há, todavia, aqueles cuja sede de sangue se mostra insaciável. O corrupto e perigoso deputado Magalhães se tornou Presidente da República com a morte de Roriz e de seu Vice. Uma vez tendo assumido o poder, aliou-se aos militares, deflagrando um golpe de Estado e convertendo seu Governo numa violenta ditadura civil-militar. Desde então, o temido Coronel de São Luís persegue implacavelmente os revolucionários, sejam eles violentos ou não. Com apoio internacional dos Senhores do Sistema e de importantes colaboradores nacionais, como o do "Barão da Mídia", dono da maior emissora de tevê do país, e do Pastor João, líder da maior e mais influente igreja evangélica brasileira, o Ditador Magalhães usará todas as suas armas para exterminar qualquer vestígio revolucionário do território nacional. Além dele, quem também continua a exigir o sangue do inimigo é o velho mentor de Heitor, o comunista Aníbal Barca. Calculista e vingativo, Aníbal não poupará ninguém que contrarie seus planos. Ninguém.

Defendida pelo pacifista Mário e sua namorada Sofia, a esperança de revolucionar a política e a sociedade brasileira está prestes a se afogar num mar de violência e antagonismos históricos. Em defesa da revolução, ou contra ela, Heitor e Magalhães precisarão conquistar o povo e as ruas, ou, invariavelmente, assassinar um ao outro. Do contrário, apenas os mortos conhecerão o fim da guerra.

LE BARON

Paris, França, 2026.

Se a metralhadora não parar a Revolução, a Revolução se apoderará da metralhadora.

Leon Trotsky

Após um longo e rigoroso inverno, o sol finalmente voltou a brilhar e a aquecer as manhãs no velho continente. Um ótimo dia para substituir o aquecedor e a comodidade do táxi pelo transporte ecologicamente correto em duas rodas. Enquanto pedalava tranquilamente entre turistas e parisienses, Jéssica saudava os raios de sol aquecendo seu rosto como uma alegre lembrança de sua cidade natal, o Rio de Janeiro. Há tempos a rotina de viagens da mulata de cabelos rebeldes lhe afastara do calor carioca e também de sua família, especialmente da irmã caçula, cujo amor e amizade iam muito além do elo de sangue. Para elas não havia distância e nem segredos.

Muito embora nem sempre a convivência entre as únicas filhas de dona Zuleide costumasse ser esse "mar de rosas", foi somente a partir da morte do pai que a relação entre as irmãs havia se tornado tão forte e sincera. Era até frequente uma das irmãs estar apenas pensando na outra e, naquele momento, receber uma ligação ou uma mensagem da irmã. Curioso, não? Esses acontecimentos comuns e exóticos duraram até o

momento em que a dedicada Jéssica fora promovida a um cargo especial. Então vieram as viagens sem fim pelos quatro cantos do mundo, bem como as novas diretrizes e exigências da organização que dificultaram enormemente seu contato com a família. A saudade era enorme, e enquanto pedalava pelas já familiares ruas e avenidas de Paris, Jéssica pensava na irmã. Até que o toque do seu celular acusou uma chamada não identificada, ela atendeu e ouviu do outro lado da linha uma voz familiar a lhe perguntar:

- É você, minha irmã?
- Sim. Como conseguiu meu telefone? Perguntou a ciclista surpreendida por aquela ligação enquanto ajustava o fone de ouvido e retomava o curso de suas pedaladas.
- Nós ficamos um mês inteiro sem trocar uma só palavra e essa é a primeira pergunta que você faz a sua única irmã?
- Olha aqui, "madame", estou morrendo de saudades de você, mas nós duas sabemos que este número é confidencial e que só existe uma única forma de você ter conseguido acesso a ele. Uma forma que, por sinal, eu lhe havia proibido de usar, lembra-se?
- $\ E$ desde quando você tem autoridade para me proibir de fazer qual-quer coisa?
 - Preciso mesmo lembrar você?
- Não, não precisa. Mesmo assim eu consegui o número, e é isso que importa. Agora, que tal você se acalmar um pouco para podermos conversar? Nossa mãe está com muita saudade de você. E o Zezinho também sente falta da tia...
 - Como conseguiu o número? Diga logo! Exigiu a impaciente Jéssica.

- Por que você me faz perguntas cujas respostas você já sabe?
 Provocou a caçula.
- Mas que merda! vociferou Jéssica quase perdendo o controle da bicicleta. E continuou. – Pensei que depois de todos esses meses você tivesse finalmente entendido minhas ordens para ficar longe do meu trabalho!
- "Trabalho"? É assim que você chama o que está fazendo aí, Jéssica? Ou seu nome agora é Beatriz? Ou Valentina? Ou...
- Basta! Eu tenho responsabilidades para com você, e você tem responsabilidades para com nossa família. Então não me interessa o que diabos você irá inventar para o louco que lhe recrutou, mas exijo que você se desligue imediatamente! Ouviu bem?
- Minha irmã, você mais do que eu sabe que é impossível se desligar uma vez que consiga ser recrutada. Eles simplesmente não podem fazer isso, é arriscado demais. Ainda mais no meu caso, já que estou finalizando o treinamento.
- Como assim finalizando o treinamento? O treinamento leva meses, e você só tem dezesseis anos! Eles nunca recrutariam alguém com essa idade!
- Eu falsifiquei meus documentos, eles pensam que já completei dezoito. E você ficou fora tempo demais, irmã, eu sinto muito! De qualquer forma, não poderia ter lhe contado sobre minha filiação antes.
- E cheguei a pensar que não tivéssemos segredos uma para com a outra... pelo visto, estava enganada.
 Decepcionou-se a irmã mais velha, deixando escorrer uma lágrima pela face.
- Preciso desligar agora, hoje é o último dia de treinamento. Haverá uma cerimônia simples para saudar os novos recrutas, então saberemos para qual divisão seremos enviados.

Jéssica não respondeu àquele último comentário, havia parado de pedalar e numa calçada qualquer se esforçava para segurar o choro com as mãos. Após alguns instantes de lágrimas e soluços mal contidos, a irmã mais velha deixou escapar umas poucas palavras afetuosas para a caçula:

– Eu estava pensando em você quando me ligou. Lembra-se como a gente sempre ligava para a outra quando eu estava pensando em você ou você em mim?

Não houve resposta do outro lado. Ao que parece, sua irmã já havia desligado o telefone e suas palavras não haveriam de alcançar os ouvidos da caçula no Brasil. Em Paris, todavia, Jéssica estava pela primeira vez atrasada para seu habitual compromisso das 8:00 da manhã, no tradicionalíssimo café *Le Baron*, localizado num dos mais belos e caros redutos de nobres e milionários da capital francesa. Ela enxugou rapidamente as lágrimas com as mangas da blusa, cobriu os olhos molhados com seus óculos escuros, subiu novamente em seu transporte e se pôs a pedalar quão rápido as pernas podiam aguentar. Momentos depois, ela finalmente alcançou seu destino. Transpirando o cansaço da corrida, guardou sua bicicleta no lugar de costume, bem próximo a sua mesa favorita na calçada, que felizmente estava vaga. Enquanto isso, acenou para Pierre, o simpático garçom que todas as manhãs lhe atendia.

- Bonjour, mademoiselle Jéssica! Quelle belle journée pour monter, n'est-ce pas¹?
- Bonjour, Pierre! Oui, é um ótimo dia para pedalar! respondeu a brasileira se contorcendo com o idioma local.
 - Comme d'habitude²?
 - Oui, o mesmo de sempre, s'il vous plaît, Pierre.

Bom dia, senhorita Jéssica! Que bela manhã para pedalar, não é mesmo?

² O mesmo de sempre?

Logo o gentil garçom traria para uma de suas mais assíduas freguesas um expresso amargo e um brioche fresco. Nos últimos trinta e cinco dias, desde que Jéssica havia se mudado para Paris, ela não faria nenhum outro pedido aos garçons do *Le Baron*. Compreensível, assim como, ao paladar da mulata, o tradicional expresso artesanal e os deliciosos brioches do *Le Baron* haviam conquistado paladares refinados dentro e fora da França, sendo destino obrigatório para magnatas e ricaços oriundos de várias partes do mundo. Enquanto esperava por seu pedido, a brasileira observava, como de costume, todas as mesas e clientes do café. Como se procurasse por amigos distantes ou rostos familiares. Não reconhecera ninguém naquela manhã e assim pensou que seu convidado pudesse ainda não ter chegado, ou quem sabe seu atraso no percurso lhe tivesse feito perder o encontro. "Devia ter vindo de táxi!" - Arrependera-se.

Pierre chegou trazendo seu pedido, porém Jéssica parecia irritada. Não bastasse a briga com a irmã ao telefone, ainda teria perdido seu encontro no café, sua única razão para estar ali, a única razão para estar na França. "Cette merde!" - Xingava em bom francês, entre um gole e outro de café. Até que uma imponente limousine clássica, de vidros escuros, estacionou logo à frente. Jéssica reconhecera aquele automóvel, era do seu ilustre convidado chegando ao café! De dentro do veículo, saíram o motorista e outros três experientes seguranças trajando terno, gravata e óculos escuros. Nos ouvidos, escutas para comunicação e, sob o terno, uma pistola 9 milímetros com o pente carregado. Muito bem pagos e treinados, aqueles seguranças já haviam salvado a vida do seu cliente em pelo menos três atentados ocorridos no Brasil. Com medo de uma nova tentativa que pudesse finalmente pôr fim a sua vida, Rogério Coutinho, dono da maior emissora de TV e um dos homens mais poderosos e influentes do Brasil, resolvera se mudar de mala, cuia e alguns bilhões para a segurança e para o glamour da Cidade Luz. Estando na lista dos homens mais ricos do planeta, Coutinho desfrutava quase todas as manhãs, há mais de um ano, dos expressos artesanais e deliciosos brioches do *Le Baron*.

Jéssica disfarçava como podia sua ansiedade. Por trinta e cinco dias, aguardou esse encontro, porém o rigor do inverno europeu insistentemente frustrava seus planos. Esperava que hoje fosse diferente, afinal fazia sol e calor em Paris. Coutinho e seus seguranças adentraram o café. Jéssica precisava esperar. Pierre aproximou-se de Coutinho sob os olhares atentos dos seguranças, que estrategicamente se espalhavam de forma discreta e metódica pelas entradas e saídas do *Le Baron*. Aqueles seguranças nunca perderam um cliente. Como de costume, o gentil garçom interpelou o seu ilustre freguês:

- − Bonjour, monsieur Coutinho! Va s'asseoir à sa table habituelle³?
- Não, Pierre. Hoje gostaria de uma mesa na calçada, por gentileza.
 Respondeu Coutinho em sua língua natal indicando uma mesa vazia do lado de fora do estabelecimento. Logo em seguida, foi abordado por um dos seguranças, que ao pé do ouvido o alertou:
 - Senhor, recomendo expressamente que tome seu café aqui dentro!
- De expresso retrucou Coutinho apenas o meu café! voltando-se para o garçom, continuou - S'il vous plaît. Pierre, providencie também meu expresso amargo e aqueles brioches deliciosos. Quanto a você, Almeida, recomendo que me proteja aqui dentro ou lá fora se quiser manter seu emprego!

Jéssica observou discreta, porém atentamente, o diálogo que se desenrolava entre seu convidado, o segurança e o garçom que se esforçava para entender o português do seu cliente. Entre um gole de

Bom dia, senhor Coutinho! Deseja se sentar na mesa de sempre?

café e uma mordida no brioche, a mulata quase deixou a xícara cair sobre a mesa enquanto assistiu a seu convidado, acompanhado por sua comitiva de seguranças, abandonar a segurança do interior do *Le Baron* e se dirigir para a fresca calçada. Assim, a poucos metros da brasileira, o grande "Barão da Mídia", como fora apelidado no Brasil, sentou-se sozinho, aguardando que Pierre viesse trazer seu pedido. Já seus seguranças, distribuídos estrategicamente pelo local, vigiavam cada partícula de poeira que se aproximava do seu cliente. Jéssica precisava agir rápido. Retirou naturalmente seu celular de dentro da bolsa e ligou para o único número salvo em sua lista de contatos. Quando uma voz masculina do outro lado da linha disse "alô", tudo o que Jéssica respondeu se resumiu a:

- Faz um belo dia em Paris, você devia ir até a janela dar uma olhada!

Imediatamente Jéssica desligou o aparelho, deu um último gole em seu expresso, colocou o dinheiro embaixo do pires, como sempre fazia, levantou-se e acenou para Pierre, que lhe acenou de volta. Em menos de uma hora, ela abandonaria a bicicleta e tomaria um táxi de seu hotel até o aeroporto. Desembarcaria em São Paulo no mesmo dia.

Hotel Napoleón, definitivamente uma das mais belas vistas da região. As proporções dos quartos são modestas e as paredes estão um pouco mofadas, mas a ampla e bela vista que se tem da janela da suíte 789 é um convite à contemplação. Compensou cada euro pago nas últimas trinta e cinco diárias. Dentro da suíte está o hóspede solitário que nunca experimentou o café da manhã servido no hotel, mesmo estando incluído na diária. Suas manhãs sempre foram dedicadas exclusivamente a dois únicos propósitos, e o primeiro deles acabara de se concretizar com a ligação de Jéssica.

Hugo era seu nome, mas Lobo era como chamavam o melhor atirador do Exército brasileiro. Possuía 27 troféus e medalhas de competições de tiro realizadas durante sua breve, porém marcante, carreira nas Forças Armadas. Sua especialidade era o tiro de precisão de longo alcance e sua arma favorita, um fuzil AWM L115A3 produzido na Inglaterra. Compra-se essa arma com até 15% de desconto num mercado negro na periferia de Paris, e com mais alguns euros você ainda pode escolher a cor da maleta na qual poderá transportá-lo discretamente, como se fosse um inofensivo violão. Quando Jéssica ligou, na trigésima quinta manhã desde que haviam chegado à Paris, Lobo, como de costume, já havia se adiantado à sua companheira de ofício e tinha na mira da arma o olho esquerdo do Barão da Mídia.

Por mais de um mês, o frio do inverno europeu protegeu o previsível freguês do Le Baron no interior do café, blindado pelas paredes de concreto. Mas excepcionalmente hoje a missão de Lobo e Jéssica fora abençoada por uma ensolarada manhã de muito calor. Coutinho optou pelo frescor da calçada para degustar seu expresso amargo com brioches, e este seria seu pecado mortal. A quase um quilômetro dali, ele nem desconfiava que estivesse sob a mira de um atirador experiente e talentoso. Mas, desta vez, seria um tiro difícil, pois, além da grande distância até o alvo, ainda havia a ausência de um companheiro observador para relatar as condições do vento, umidade do ar e outras circunstâncias que afetam a mira e a precisão do disparo. Lobo estava por sua própria conta e perícia. Qualquer desvio no trajeto da bala e um inocente poderia acabar atingido, além de todo o longo e dispendioso plano ir por água abaixo. Lobo sentia a pressão, respirava fundo e pausadamente, como lhe fora ensinado, mãos e dedos firmes, imóveis, olhos fixos no alvo. Não poderia demorar, precisava atirar, e precisava atirar agora!

PÓW!

O som do disparo foi alto e claro para o atirador, mas inaudível para os longínquos clientes do *Le Baron*. Coutinho levava a xícara à boca

quando o fundo de porcelana se despedaçou e todo o café se derramou sobre o forro bordado da mesa, respingando em seu terno, camisa e gravata. Isso era um ultraje! Como poderia o sofisticado *Le Baron* oferecer xícaras de péssima qualidade para um de seus mais ilustres clientes? O irado Coutinho acenou energicamente para Pierre. Aquele garçom estúpido iria escutar umas poucas e boas! Pobre Coutinho, ele e sua trupe de seguranças experientes deveriam ter prestado mais atenção ao buraco do tamanho de uma pêra que o primeiro projétil havia deixado na parede do Café.

PÓW!

Eis o segundo disparo. Pierre, o simpático garçom, não chegaria a ouvir os impropérios do Barão da Mídia sobre suas xícaras de "péssima qualidade". O crânio de Coutinho havia se despedaçado espalhando pedaços de ossos, sangue e massa encefálica entre clientes, garçonetes e seguranças. Acontecimento este que comprometeria definitivamente a capacidade de comunicação, alienação e manipulação do povo brasileiro por parte de um dos mais ricos e poderosos criminosos do país. Um corrupto que fazia fortunas ao usar inadvertidamente sua emissora e seus demais veículos de comunicação para apoiar seus aliados políticos, em especial ao Coronel de São Luís. Para Lobo e Jéssica, era hora de finalmente riscar mais um importante nome da Lista, voltar para o Brasil e se dedicar à próxima caçada. Ao próximo alvo da Revolução.

O QUE VOCÊ IRÁ ENCONTRAR EM REVOLUCIONÁRIOS 2?

Na esperada continuação do romance Revolucionários, o passado e o presente do pacifista Mário e do guerrilheiro Heitor irão culminar no ápice da batalha pela Revolução no Brasil. Mas poderosos inimigos sob o comando do Ditador Magalhães não irão descansar até que todo revolucionário seja implacavelmente destruído.

Com o povo dividido entre a cruz e a espada, o destino dos revolucionários estará nas mãos de "fantasmas" e traidores.



